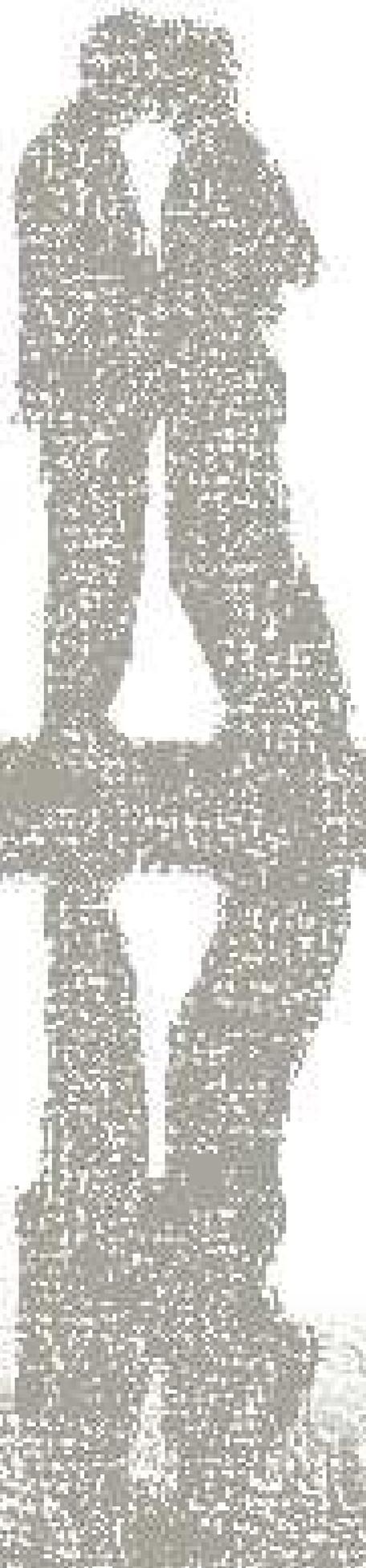


Estrela Maior
Falando de amor



Breve Biografia

Escrito por Pedro Paulo R. Gonçalves, Educador Físico, Intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), Pós-Graduado em Educação Especial, Libras, Braile, Docência do Ensino Superior e Interpretação em Libras.

Nascido em junho de 1985 em Belo Horizonte, MG, Brasil, Pedro Paulo viveu parte da infância na capital mineira e parte em Sto. Antônio do Monte, interior de Minas.

As experiências na área da educação começou aos 19 anos. Desde então, esteve envolvido em projetos com pessoas deficientes, crianças e outras pessoas que contribuíram para a formação da sua sensibilidade e inteligência emocional.

A falta de aceitação às diferenças, e as semelhanças com a realidade de milhares de pessoas, foram propulsores para escrita dessa história.

Introdução

Estrela Maior conta a história de Davi, que sempre abriu mão da própria felicidade em detrimento da felicidade alheia. Principalmente em função do pai, Dr. Otávio, a quem temia desapontar.

Marcado pela solidão até os vinte e oito anos, Davi era mal resolvido sexualmente e sentimentalmente. Sempre com a sensação de que faltava algo em sua vida, era movido apenas por sonhos. Em dado momento, ele encontra uma oportunidade para transformar os sonhos em uma deliciosa realidade.

Para isso, ele sacrifica pessoas, passa por cima de valores, encontra alguns imprevistos e se descobre de forma emocionante.

Mostra como a orientação sexual, que ainda nos dias atuais é considerada tabu por muitos, se transforma em um pequeno detalhe quando comparada ao amor que é majestoso, sublime e capaz de atropelar qualquer sentimento.

1 Até que a morte os separe.



*A*pós pensar um pouco com os cotovelos

recostados na janela, Davi que sentia não ter as “rédeas” da própria vida, se colocou de frente ao espelho, apertou o nó da gravata, ajustou o blazer e deu uma olhada nos sapatos. Estava pronto.

Pegou as chaves e trancou a porta de seu apartamento em saída. Davi sabia que parte de sua liberdade estava por terminar com aquele casamento. Na verdade, Davi, estava agindo mais uma vez sobre impulsos. Estava prestes a se casar com Annie e não estava certo se de fato queria aquilo.

Ele sentia algo muito especial pela garota, mas sabia que não era amor. Ou pelo menos amor de marido. Muito do que fez Davi se decidir por casar foi a vontade do pai. O desejo de dar orgulho ao pai, falou alto, pois Davi passou a vida procurando oportunidade de fazer isso. Tinha medo de se tornar uma decepção na vida do pai. E Annie era a mulher ideal para levar uma vida e mesmo sem muita certeza, iria levar o casamento adiante também pela

vontade de ser pai que Davi sempre teve. Essa vontade de ser pai ganhou força principalmente na adolescência onde Davi perdeu a mãe muito cedo e não teve o seu pai com a presença que precisava. Então, ele queria ser pai para poder dar a alguém tudo aquilo que não recebeu em sua criação.

Ao descer o elevador, Davi se viu no espelho mais uma vez e pensou em toda a relação que tinha com Annie e tudo o que poderia vir depois desse dia. Muito séria e ao contrário de Davi, Annie sabia muito bem o que queria.

Nos meses finais da Faculdade de Matemática, ela já havia planejado todo casamento. Ela tinha vinte e cinco anos, e sua personalidade sempre foi com características controladoras e uma eficiência calculada. Não foi difícil preparar o casamento. O dinheiro abundante do sogro deu liberdade para Annie e Davi passarem adiante os problemas comuns de uma festa em processo de organização. Ficou tudo impecável. Annie, recém-formada, daria mais um passo importante na vida.

Com as duas mãos firmes ao volante, Davi respirava fundo indo pelas ruas de Porto Alegre. Ele pensava como a igreja estaria repleta de amigos e familiares de Annie e como o vazio deixado por seus amigos e familiares o faria mais reflexivo sobre o rumo que sua vida havia tomado. Davi tinha vinte e oito anos e seu namoro com Annie já durava mais de quatro. Davi mudou-se de São Paulo para Porto Alegre em intenção de cursar Física na UFRGS. Na verdade, era a oportunidade perfeita de sair de casa e respirar sem os comandos do pai. Seu pai, Dr. Otávio, era um homem imponente e sisudo. Comandava a vida de

Davi e tomava as decisões por ele. Otávio é membro da Academia Brasileira de Ciências e uma de suas formações, em Astrofísica, fez com que Davi sofresse influência direta para a escolha de sua Faculdade.

Carro estacionado. Igreja cheia com a maioria das pessoas sendo convidados de Annie, já que os amigos e familiares de Davi estavam em São Paulo e não se deram ao trabalho de comparecer. Davi parou por um segundo na porta. Apesar de cercado por cerimonialistas, fotógrafos, padrinhos e damas, Davi se sentia sozinho. Como se estivesse cego para as pessoas ao redor. Sorria, cumprimentava os outros, mas, por dentro era solidão e reflexão.

A passarela de entrada estava sem flores. A decoração era mesmo próximo ao altar e simples. A escolha de se casar na Igreja Nossa Senhora das Dores, veio de Annie, como quase tudo. A família de Annie era católica. A família de Davi frequentava também a igreja Católica até o falecimento de sua mãe. Na época se perdeu o interesse tendo que Davi morava apenas com sua mãe e com o pai Otávio. A mãe, dona de casa que saia apenas para rezar e seu pai, estudioso, trabalhador de pouca conversa em casa. Sendo filho único, a perda da mãe, em um assalto estúpido em São Paulo, mudou a rotina dos dois quando Davi tinha apenas 16 anos. Terminar os estudos, começar a faculdade em Porto Alegre e hoje ocupar uma vaga de professor nessa mesma faculdade não foi tarefa fácil.

Tia Vera Neide, irmã de Otávio estava reluzente! Com seus cabelinhos castanhos, curtos no pescoço. Ela estava com um vestido vermelho brilhante e duas ombreiras, que

não se usa mais, aguardando Davi para a entrada. Davi lhe deu o braço.

_ Olá Tia. Quanto tempo. Estou feliz por ter aceitado o convite. – disse Davi educado.

_ Você está lindo meu sobrinho! Venha cá!

_ E Jaqueline, como está? – perguntou Davi sobre a filha de Vera.

_ Veio comigo. Está logo ali na frente. Está com saudade de você. Logo mais na festa vocês se encontram.

_ Sim Claro!

Davi e Vera Neide entraram na igreja. Davi fitou seu pai que estava com uma respiração orgulhosa e seus cabelos grisalhos penteados para trás. Otávio não estava muito diferente do que costumava a ser. Suas roupas que lembravam um pinguim, sempre eram assim.

Aumentou um brilho aqui e outro ali, mas usava o estilo de sempre. Um pouco acima do peso, Otávio era baixo e essa comparação com um pinguim era mais certa pela dificuldade ao andar. Às vezes ele usava até uma bengala.

Aquele caminho terminou com tia Vera Neide despedindo e tomando seu lugar. Do altar, Davi ainda via a expressão de satisfação do pai, o rosto da tia Vera Neide e poucos conhecidos. Via ainda o rostinho triste de sua prima Jaqueline, filha de Vera Neide, tinha apenas 13 anos e não parecia feliz em estar ali.

Uma última conferida na maquiagem. e Annie estava emocionada. Seus cabelos negros eram longos, mas foram presos. Havia um coque volumoso coberto por um véu transparente. Seu vestido era lindo! A cor morena de sua pele deu um tom mais agradável ao conjunto que fazia o vestido branco e o corpo. Tudo parecia um sonho em seus pensamentos! Annie sabia que iria encontrar seus amigos e familiares nesse dia tão esperado por todos eles. E sabia que era esperada por seu amado Davi.

O Padre fez as colocações comuns a casamentos e Davi deu um tempo das reflexões para viver aquele momento. Não tinha outra escolha ali. Então, desde o “sim, eu aceito” e até a parte em que se diz: “até que morte os separe”, Davi e Annie estavam entregues ao momento. Até a morte, soou pesado. Uma sensação de nó nos intestinos acometeu Davi. Depois desse momento, da cerimonia a festa, parece que o tempo acelerou. O nervoso havia passado. A festa foi próxima à Igreja e não demorou muito.

Acontecia então, o casamento de Davi e Annie. Simples sem deixar de ser luxuoso. Porém, os sentimentos que dominavam os noivos, eram diferentes. A satisfação de Annie era por realizar um sonho e dar mais um passo na trajetória da vida. A satisfação de Davi era poder dar orgulho ao seu pai e realizar esse sonho de Annie. Não era por um desejo próprio. Se Davi soubesse o rumo dessa história, talvez tivesse feito algo para impedir.

Os questionamentos internos feitos por Davi eram, “será que estou fazendo a coisa certa?”, “Será que meu destino

era mesmo ser casado com uma mulher para o resto da vida?” , “ O que faço com todos estes desejos?”.

Ele sabia que se casando com uma mulher estaria longe de ser feliz completamente. Porém, o pensamento retrograda e aparentemente preconceituoso do pai e da família, de alguma forma diminuiria. Davi sempre levou consigo um sentimento de angustia por pensar não corresponder as expectativas do pai com relação as condutas sentimentais. Passou a vida carregando o peso de não poder expor seus verdadeiros desejos. Às vezes tinha a impressão de esconder até de si a questão de se sentir atraído por homens. Parecia que esse era um detalhe que não fazia parte de sua vida.

Deixou então seu apartamento vazio, com intensão de alugar, para se mudar de casa e de vida!



2 Dia de visita.

*S*e envolver com outro rapaz era uma situação que não fazia parte da vida de Davi exceto em sonhos. Ele tinha sonhos recorrentes. Por alguns minutos, na casa nova, Davi se colocou a pensar nesses sonhos.

Em alguns sonhos, revivia o tempo de criança, onde em uma cidadezinha do interior de São Paulo, tinha uma turma de amigos que às vezes realizavam brincadeiras com conotações sexuais, como toda turma de meninos de nove ou dez anos. Entre os amigos, havia um em especial que aparentava ter a mesma idade que Davi. Os olhos verdes do menino contrastavam com o tom moreno fosco da pele. Os cabelos castanhos claros, sempre atrapalhados, deixava a impressão que ele tinha acabado de acordar. Esse menino frequentava pouco a turma. Filho do dono da mercearia da cidade, o garoto ajudava muito o pai e isso limitava seu tempo para as brincadeiras. Sempre que Davi precisava comprar algo, escolhia o horário em que tinha certeza que o tal menino estaria por lá.

O nome do garoto da mercearia, Davi não sabia. E o vira poucas vezes. A família do menino se mudou da cidade após a mercearia do pai dele falir.

Nessa época, a rede de mercado “Estrela”, cuja um dos donos é Dr. Otávio, chegou na cidade contribuindo para a

falência de cinco ou seis mercearias locais. O mercado que o próprio pai trouxe, havia afastado o garoto de sorriso tímido, olhos verdes escuros, de pele morena que havia chamado tanta atenção de Davi.

Volta e meia, Davi se recordava em sonhos, o dia em que a família desse menino deixou a cidadezinha. O menino foi o último a entrar no carro velho que estava abarrotado de malas. A expressão de fracasso do pai contagiou toda a família. Davi conseguiu se concentrar nos olhos de folha do garoto, que debruçado no banco traseiro, retribuía o olhar profundo com a cabeça repousada sobre os bracinhos cruzados. O barulho do arranque do carro soou no peito de Davi que sabia estar se despedindo do garoto. O carro foi se afastando e os olhinhos de folha daquele garoto diminuindo até se perderem de vista.

Mas o garoto nunca deixou de existir nos sonhos. O sonho não tem limite. Reflete os medos, vontades e sentimentos que não são nomeados. Sonhos não tem lei, não tem regra. O sonho era a única forma de Davi viver suas vontades.

Anos mais tarde, já em São Paulo capital, Davi pensou ter visto esse rapaz em um ponto de ônibus.

Em São Paulo, Davi ia de motorista para escola e um dia, na volta, pouco tempo depois da morte da mãe, entediado, olhando pelo vidro do carro, o mundo do lado de fora parecia outro. Dentro do carro, o ar condicionado trazia o frio para o dia que era quente e a música lenta abafava o som das pessoas enlouquecidas e encaloradas do lado de fora.

Parados em um semáforo, Davi recostou sua cabeça no vidro sem interesse de perceber o mundo externo, porém, alguém lá fora parecia dividir com ele o mesmo mundo.

No ponto de ônibus, havia um rapaz, em pé, com olhar muito familiar e uma empatia imediata. Antes que o carro arrancasse, naqueles poucos segundos, foi possível questionar em pensamento: Será aquele rapaz o menino da mercearia que havia crescido? Será que era o menino de olhos de folha que Davi jamais soube o nome?

Depois desse momento ocorrido na volta da escola na adolescência, os sonhos se revezavam entre os momentos na infância com o garoto e a visão do rapaz, no ponto do ônibus em São Paulo. Algo fazia Davi acreditar que era a mesma pessoa.

Como todas as vezes, foi forçado a deixar o mundo dos sonhos para voltar à realidade. Dessa vez, Davi escutava Annie a revirar as coisas na casa nova para organizar. Eles não fizeram passeio de casamento devido ao aperto de tempo e época no trabalho. Dr. Otávio voltou para São Paulo horas depois da festa de casamento. Isso já era esperado por Davi que nunca teve ajuda do pai a não ser pelo lado financeiro. Então, toda a arrumação da casa nova ia mesmo ficar por conta de Davi e de Annie. O casal chegou a postar na internet a necessidade de uma ajudante, mas a correria os impediu até de verificar as respostas.

_ Sua tia Vera Neide nos deu esses panos de prato – disse Annie em meio às sacolas e caixas no chão da

cozinha. – Mas compramos esses de frutas que vou abrir primeiro.

_ Pode ser.

_ Camile ligou. Ela disse que saiu mais cedo do casamento porque seu irmão voltou a dar problemas. – contou Annie.

_ Percebi mesmo que ela saiu da igreja com uma expressão triste.

_ Verdade. – concordou Annie separando as sacolas abertas das fechadas – O namorado dela também não parecia satisfeito.

_ Não reparei que ela estava com namorado. – respondeu Davi de dentro do quarto. – A parte da esquerda do armário tem uma sapateira. Vou deixar pra você.

_ Está bem, meu amor. – concordou Annie lá da cozinha.

Na primeira semana de casa nova, Annie não se atreveu a cozinhar. A bagunça era eminente e pedir comida era bem mais viável. Porém, no sábado á tarde, Davi conferiu seu celular e lá havia uma mensagem de tia Vera Neide falando que ela viria visita-lo no domingo, fazendo com que o casal se forçasse a preparar algo para comer.

Logo no domingo cedo, junto com sua filha Jaqueline, tia Vera apareceu na porta com um ar preocupado, o que intrigou mais ainda Davi. Pessoas da família só o procuravam, raramente, por questões financeiras. E não era o caso de Vera Neide, pois ela não precisava. O fato

das pessoas o procurar, vez ou outra, por motivos financeiros, se devia ao fato de seu pai, Dr. Otávio, ocupar uma ótima posição no ramo da astrofísica e ser um dos donos de uma enorme rede de mercados. Mas se a razão financeira não era o que levava sua tia ali, o que era então? Ela nem morava em Porto Alegre. Algo de importante era.

_ Achei de muito bom gosto esses panos de prato. – disse tia Vera Neide, secando as mãos em um pano com uma maçã bordada, percebendo que Annie não estava usando os que ela os havia presenteado.

_ Resolvemos deixar os que a senhora nos deu, para uma ocasião especial – disse Annie sem graça.

_ Então quer dizer que minha visita não é especial? – disse a tia em tom de brincadeira.

_ Claro que sim. – se embaraçou Annie, tentando se justificar. – Na verdade, Davi e eu estranhamos um pouco por que não esperávamos. Pensávamos que você já estava em São Paulo.

_ Não saí de Porto Alegre desde o dia do casamento. – suspirou a tia.

_ Como assim? – perguntou Davi, vindo do quarto e pegando pelas metades a conversa.

_ Não sai daqui desde o casamento. Estou hospedada com Jaqueline no Coral Tower daqui da Ipiranga.

_ Por que não nos procurou antes então? Papai sabe disso? – perguntou Davi com tom surpreso.

_ Seu pai não se importa. Você o conhece bem. Eu não os procurei antes pra não incomodar. Mas preciso conversar com vocês.

Davi sentiu um tom preocupado na voz da Tia. Ele ficou esperando pra ver se Vera Neide concluía, mas ela parou de falar e concentrou-se na cozinha dizendo pra conversarem durante o almoço. Assim que terminaram de servir a mesa, todos se colocaram em seus lugares e conversaram sobre diversos assuntos. Falaram sobre o casamento, a festa, sobre a vida fechada de Dr. Otávio e sobre as poucas reações que Jaqueline, filha de Tia Vera, que era muda, teve com os últimos tratamentos. Davi e Annie tentaram não transparecer a curiosidade sobre o que a tia, de fato, veio fazer ali. Ela parecia querer falar algo, mas parecia também pensar na melhor forma de dizer.

Ao ajudar Annie com a louça, Vera Neide fixou o olhar em Davi e Jaqueline por cima do balcão e percebeu que os dois estavam tentando se comunicar folheando uma revista de astrologia lá no sofá. Davi falava sobre planetas e Jaqueline, com os cabelos soltos quase cobrindo os olhos, parecia prestar atenção mesmo sem muita expressão.

_ Parece que eles estão se entendendo, você não acha?

_ Parece sim. – disse Annie, sem prestar muita atenção.

_ Jaqueline tem apresentado algumas melhoras. Psicólogos e psiquiatras garantem que os bloqueios de expressão são puramente emocionais.

_ E o que deve ser feito para que esse estado emocional volte ao normal?

Tia Vera secou o canto dos olhos com a parte de cima do braço e deixou descansar o prato na pia com as duas mãos molhadas e ensaboadas.

_ Pode ser que nunca volte. Segundo o médico que fomos, pode ser que Jaqueline jamais volte a falar ou a qualquer momento, diante de alguma situação emocional extrema, ela volte.

Annie, com pena de Vera Neide, secou as mãos e depositou uma delas no ombro da tia e proferiu algumas palavras de conforto:

_ Então ainda há esperança, se eles falaram que ela ainda pode voltar, não vamos perder a fé e pedir a Deus que ela possa se recuperar.

A fé de Annie sempre foi presente. Uma questão de educação, ela trazia o nome de Deus com frequência. Davi nem tanto, apesar de crer, Davi tinha suas próprias convicções. Estudante a vida inteira de Astrologia, ele acreditava na teoria do Big Bang, porém acreditava que uma força maior havia provocado de forma premeditada e consciente. Essa força maior para ele era Deus.



Tia Vera Neide parecia querer falar alguma coisa e Davi e Annie se entendiam através de pequenos olhares de cinco em cinco minutos com a mesma impressão. Aquela visita tinha um motivo. Após terminar com as louças as duas se juntaram a Davi e Jaqueline na sala. Após alguns minutos de silêncio, Vera Neide percebeu que era hora de dizer o motivo de sua visita.

_ Você sabe que não posso contar com Otávio. – Davi sabia disso. Nem ele que é filho podia, quanto mais a irmã que vivia afastada. – E sabem que vivo somente com Jaqueline.

Esse outro detalhe, Davi também sabia, tendo que tia Vera Neide nunca mais arrumou outro namorado, tamanha mágoa que ficou de seu último relacionamento. A culpa por Jaqueline ser assim, se devia a um trauma em função de um abuso feito por um padrasto na infância. O que fez com que Vera Neide jamais arrumasse outro alguém e o sentimento de culpa assolava constantemente.

_ Eu sei que vocês estão recém-casados, mas não tenho a quem recorrer. Um dos médicos que eu consultei disse que minha ansiedade pode ser sentida por Jaqueline e isso pode ser um fato negativo no seu processo de melhora.

_ A senhora não pode se mostrar tensa. Jaqueline compreende tudo o que se passa, no tempo dela, ela entende as coisas. Vai se recuperar e perceber que todos nós a amamos e voltar a interagir. – disse Davi olhando para Jaqueline que até pareceu entender.

_ Concordo, mas o que eu puder fazer para isso acontecer o quanto antes eu vou fazer. Eu vi na internet que vocês estão procurando uma ajudante e pensei que Jaqueline poderia passar um tempo com vocês aqui.

Após engolir a seco, Davi um pouco surpreso, ficou alguns segundos sem reação. A menina não interagiu e apesar de gostar de tarefas domésticas, não passou pela cabeça de Davi hospedar a prima, que tinha apenas treze anos e vários problemas.

Apesar da surpresa, Davi entendia a intenção da tia que era afastar da menina porque percebeu que sua ansiedade estava atrasando o desenvolvimento dela. Queria deixar Jaqueline com pessoas de confiança e pensou no casal que precisava de uma ajuda em casa.

_ Você nos pegou de surpresa tia. – disse Davi sem graça.

_ Por favor. – suplicou a tia, com olhar piedoso. – Vamos fazer uma experiência. Eu preciso fazer umas viagens, buscar uns resultados de exames dela, resolver umas coisas. Preciso de um tempo e não tenho a quem recorrer. Preciso muito da ajuda de vocês. Só por algum tempo.

No tom de Vera Neide, Davi percebeu certo cansaço. Exausta, ela precisava se recompor e esse estado estava afetando a menina.

Diante dessa situação, o casal resolveu ajudar a tia deixando Jaqueline ficar. Era uma questão de caridade.

Combinaram alguns detalhes e Vera Neide se emocionou ao agradecer. Notou-se também um semblante de satisfação de Jaqueline que acompanhou toda a conversa olhando para um e para outro com a cabeça meio baixa. A garota gostava do primo.

Após a conversa, com a partida da tia, um clima bom se instaurou na casa nova agora com três moradores. Jaqueline pegou rapidamente o jeito de organizar as coisas em casa e uma rotina se estabeleceu.



3 - Como um meteoro.



*T*odos os dias o telefone tocava. Era Vera Neide

querendo saber notícia da filha que, por sinal, melhorava a cada semana.

Quase dois meses se passaram e Jaqueline recebeu a visita da mãe apenas uma vez nesse período. Davi e Annie estavam se adaptando à nova vida. Sentindo-se mais preso que nunca, Davi se perguntava se aquele modelo de vida algum dia iria lhe satisfazer de alguma forma. Ele gostava de Annie, porém não se casou por amor. De alguma forma ele esperava descobrir o amor.

Os sonhos com rapazes, ou melhor, com o rapaz, não pararam de acontecer. Nesses últimos dois meses, ele sonhou por duas vezes com o rapaz de belo sorriso. O filho do dono da mercearia da cidade do interior na época de sua infância. No sonho, eles passeavam juntos no Planetário José Baptista, andavam em meio às fotografias de planetas, sorriam, se perdiam e se achavam. A sombra